

de existir”(125). Assim era S. Paulo há um século: valia pelos estudantes. E estes, nos anos sessenta, começavam a sentir as mudanças ou os seus efeitos. Já em 1864, surgia a *Imprensa Acadêmica*, redigida por Peçanha Póvoa, Joaquim Xavier da Silveira, Antônio Antunes Ribas, Antônio Cordeiro Negreiros, Saião Lobato e Emiliano Rodrigues; por cuja redação passaram, em 1870, Francisco de Paula Rodrigues Alves e Afonso Pena e, em 1871, quando deixou de circular, Carlos Augusto de Carvalho e João Alves Rubião Júnior. Em 1865, aparecia na Faculdade de Direito o jornal liberal e abolicionista *O Sete de Abril*. Não era rebatedo: dois anos antes, em 1863, fundara-se ali a sociedade abolicionista *Fraternização* que libertou muitos escravos. As turmas acadêmicas dos anos sessenta e setenta enfileiraram as grandes figuras políticas do fim do século, Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Castro Alves. E este fazia ressoar nas arcadas os seus versos à memória do autêntico herói brasileiro, Pedro Ivo:

*A praça, a praça é do povo,
Como o céu é do condor!*

Eram sinais precursores, porém, e a mocidade acadêmica apenas antecipava, como sempre entre nós, o que estava por eclodir. Porque, na Corte e em sua imprensa, persistia o incontrastado domínio da vazia oratória parlamentar e dos insipientes movimentos literários nos jornais que mal faziam recordar a vibrante imprensa da Regência. Era de bom tom, nas rodas políticas, provar prendas literárias. A *Revue des Deux Mondes* tornara-se leitura habitual do imperador e “principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros”. Tinha no Brasil o maior número de seus assinantes fora da França. Propalava-se que era a única leitura do conselheiro Saraiva; D. Pedro, sabendo disso, afirmou, categórico: “É quanto basta”(126).

Fora dessa literatura um pouco vulgar, em que alguns nomes se salvaram, era raro o tratamento objetivo dos problemas na imprensa. Excepcionais, como o da colaboração de Tavares Bastos no *Correio Mercantil*, em 1862, com as *Cartas do Solitário*, enfeixadas em volume nesse mesmo ano. Tavares Bastos continuaria, na *Atualidade*, sob o título “Libelo Inédito”, em catorze artigos, sua crítica política, de que decorreu a ácida resposta, a certa altura, pelo *Correio da Tarde*, do ministro da Marinha, Joaquim José

(125) Augusto Emílio Zaluar: *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*, S. Paulo, 1953, págs. 128-129.

(126) Fundada, em 1829, a 15 de dezembro, por Mauray e Segur Dupeyron, a *Revue des Deux Mondes* tornou-se, dentro em pouco, prestigioso órgão da literatura oficial. Daudet e outros, no fim do século, acusavam-na de repertório de banalidades, e esse juízo correspondia à realidade. Mas o que vinha da França deslumbrava os nossos homens de letras, ao tempo.